

Com turistas a bordo

# Navio entra em Maputo sem autorização

Sábado passado, o navio grego «Constellation» com 400 turistas a bordo — na sua grande maioria sul-africanos — entrou na baía do Maputo sem qualquer autorização prévia para atracar no cais da cidade.

Na opinião de vários organismos envolvidos na tentativa de organizar a visita destes turistas, o caso está rodeado de um completo desrespeito pelas normas internacionais e pelos procedimentos habituais em visitas deste género.

Há cerca de três meses a «Cruise Lines» sul-africana e propõe à Imprensa Nacional de Turismo de Moçambique (ENT) a visita de 400 turistas à Catembe e ilha de Inhaca.

A proposta veio através da «Rennies Freight Services» em Maputo.

A ENT, que já organizou visitas de cruzeiros vindos dos EUA e da Europa, respondeu à «Cruise Lines», dizendo que a Catembe não tinha qualquer interesse turístico e que o barco «Constellation» não poderia ir directamente para a Inhaca.

O organizador do «tour», o sul-africano, Tony Factor, queria que os passageiros desembarcassem directamente na Inhaca, o que não era possível, quer por razões marítimas, quer porque a ilha não tem condições para receber 400 turistas de uma só vez.

A ENT enviou a sua contra-proposta à «Cruise Lines» e começou a preparar todas as pequenas condições para receber o cruzeiro — autocarros em Maputo, aviões para transporte de passageiros para a Inhaca, barcos, contactos com a Migração e com outros departamentos.

As semanas passaram sem que a «Cruise Lines» respondesse à contra-proposta da ENT, apesar dos inúmeros textos enviados a partir do Maputo a pedir resposta.

«Pensávamos que eles tinham desistido», disse à AIM o Director-Geral da ENT, George W. Welsh.

De repente, em Maputo, a ENT soube que, na TV e em outros órgãos de informação sul-africanos, os organizadores do «tour» tinham começado a fazer publicidade à visita à Inhaca.

Aparentemente esta publicidade incluía atracções turísticas como a «Rua Araújo», cujos «cabareis» foram fechados por altura da Independência de Moçambique.

«É um abuso terem começado a fazer publicidade antes de nos responderem, e antes mesmo de terem autorização para enviarem os turistas. É um caso típico de desrespeito total pelas normas internacionais e especificamente desrespeito por Moçambique», disse à AIM o Secretário de Estado do Turismo, António Materrula.

A publicidade começou a ser feita mesmo antes de a «Cruise Lines» ter nomeado um agente em Maputo, o que veio a acontecer no passado dia 15.

Até à nomeação do agente houve confusão. A «Cruise Lines» nomeou a «Manica», desconhecendo que esta empresa e a «Rennies» haviam formado uma única companhia.

No entanto, a «Rennies Freight Services» chamou a si a nomeação e voltou a fazer novos contactos com os vários departamentos moçambicanos envolvidos, sabendo de antemão que era praticamente impossível organizar tudo em três dias.

«Mesmo em situações normais», disse George Welsh, «não se organiza uma visita de centenas de turistas em meia dúzia de dias, quanto mais num

pais com as dificuldades que Moçambique atravessa».

Para além disto, a lista de passageiros só chegou a Maputo no dia 17.

Sexta-feira, ao princípio da tarde, a «Rennies» foi informada pela Migração de que o barco não poderia atracar ao porto do Maputo. A Secretaria de Estado do Turismo tinha dito à Migração que, nessas condições prevalentes, não havia qualquer possibilidade de receber os turistas condignamente.

A «Rennies» informou Durban de que o navio não devia partir mas o «Constellation» já havia seguido viagem. De Durban, o capitão do navio foi informado desta decisão mas mesmo assim prosseguiu a viagem.

Na manhã seguinte, sem qualquer autorização prévia para entrar em Maputo, o navio chegou à baía do Maputo apenas para ser informado de que não poderia atracar no porto.

O «Constellation» ficou ancorado perto da Bóia 4, e no dia seguinte rumou de regresso a Durban.

O director da «Rennies», o inglês Clive Stringer, disse à AIM que «nos últimos dois anos organizamos quatro visitas de cruzeiros, vindos dos EUA e da Europa, e fomos sempre louvados, quer pelas autoridades locais, quer pelos clientes, pela forma como tudo foi organizado».

Outras pessoas contactadas pela AIM opinaram que os organizadores do «tour», a «Cruise Lines», demonstraram uma extrema ignorância sobre as condições concretas em Moçambique.

«A forma como conduziram as coisas demonstra um desrespeito profundo pelos turistas que foram, pura e simplesmente, enganados», disse uma pessoa ligada há muitos anos ao turismo e que não gostava de ver o seu nome. (AIM).

25/1/85

N.